

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Ex. 1.
C 92543097

Avaliação: um processo contínuo

Eulália Barbosa da Silva

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6605
Data	14, 01, 02

371.136
S586 a

Pontes e Lacerda
2000

“Persistência é a teimosia
com um propósito.”

Recharde de Vos

Agradeço a Deus por ter me iluminado e dado forças para eu iniciar e terminar este curso de Letras, que darei continuidade à ele enquanto viver. Quero externar também a gratidão à minha família (filhos, pais e esposo) por terem me compreendido e ajudado nos momentos de dificuldades e desgastes causados pelo cansaço da caminhada em curso. E aos professores, que cautelosamente me orientaram a buscar saída para enriquecer o meu conhecimento científico.

Sumário

Introdução-----	5
Quadro teórico-----	7
Levantamento de dados-----	27
Análise dos dados-----	40
Bibliografia-----	57
Anexos-----	59

Introdução

A avaliação da aprendizagem do aluno é um processo que não deve caminhar à parte, pois faz parte do projeto político-pedagógico da Escola. A avaliação da aprendizagem tem como objetivo detectar a qualidade necessária ao conhecimento adquirido pelo aluno. O seu papel, não é diminuí-lo, e sim encontrar saída para os obstáculos que surgirem na vida escolar do mesmo.

Com a avaliação da aprendizagem do aluno, o professor coerente descobrirá se está dando ou não um ensino de qualidade que atenda à necessidade do seu aluno.

O enfoque deste ensaio monográfico está baseado em estudos sobre as avaliações: quantitativa, qualitativa e processual. Dentro dessas avaliações estão o sucesso e o fracasso do educando, do professor, e do sistema de ensino em vigor.

O que se tem de prioridade é o aluno como o centro de todo o funcionamento do ensino escolar e sua formação de acordo com suas necessidades, não se esquecendo de que o aluno é o sujeito construtor de seu conhecimento, pois traz consigo uma grande parcela de contribuição para a nossa sociedade.

Existem dois tipos de julgamento da aprendizagem escolar do aluno. Uma é a verificação da aprendizagem que se usa somente para detectar erros e não tem nenhum prosseguimento em prol do desenvolvimento escolar do aluno. E a outra forma de julgamento é a avaliação da aprendizagem que o professor usa para detectar a necessidade de melhorar o conhecimento de seu aluno, como também o seu.

O que se percebe dentro da sala de aula é um equívoco entre a verificação e a avaliação da aprendizagem.

A avaliação da aprendizagem num processo contínuo, não pára porque à medida que o aluno é avaliado, e é detectado que está necessitando de uma dedicação exclusiva do professor, assim se faz. É normal que todo educando tenha suas dificuldades. Mas o professor deve estar alerta e preparado para socorrer este aluno nos momentos de suas dificuldades.

A nova proposta curricular CBA, traz a avaliação da aprendizagem num processo contínuo. E dentro deste ensaio monográfico se encontra uma pesquisa em forma de entrevistas, para discernir se realmente está havendo mudanças na avaliação da aprendizagem no CBA.

Quadro Teórico

A avaliação da Aprendizagem Escolar.

A avaliação da aprendizagem caminha junto com a formação do aluno, envolvendo os aspectos históricos, pedagógicos, filosóficos, sociológicos, políticos e psicológicos que fazem parte de todo sistema educacional. Por isto é que a avaliação é inseparável do sistema educacional e do processo didático da aprendizagem.

“A avaliação da aprendizagem escolar não poderia continuar a ser tratada como um elemento à parte, pois integra o processo didático de ensino-aprendizagem, como um de seus elementos constitutivos.” (Luckesi, p. 12)

A avaliação é algo que se faz ao aluno para detectar se houve um bom ou péssimo crescimento na aprendizagem. A partir daí é possível repensar e planejar sobre a aprendizagem qualitativa do aluno.

“A avaliação é componente intrínseco da reconstrução da qualidade.” (Pedro Demo p. 30)

Luckesi em seus estudos e críticas sobre: avaliação da aprendizagem escolar e apontamentos sobre a pedagogia do exame, faz várias observações sobre o sistema de avaliação escolar e a pedagogia dos séculos passados. Segundo suas críticas a escola de hoje continua usando a mesma pedagogia dos séculos XVI, pois os professores daquela época usavam a avaliação como instrumento de medo aos alunos. E os pais também não se importavam de seus filhos serem ameaçados através dos mecanismos de repressão, com que seus professores os dominavam. A preocupação dos pais em relação a seus filhos era de vê-los promovidos para outra série. E os professores não se preocupavam com o crescimento sócio-histórico do aluno. O que realmente os pais, professores e alunos levavam em consideração era a nota. E a escola de hoje não é diferente da escola do passado, pois ainda há professores que sentem prazer em ver seus alunos retidos na série em curso.

“ No que se refere a reprovação, as médias são mais fortes do que relação professor-aluno. Por vezes, um aluno vai ser reprovado por “décimos”; então conversando com o professor sobre a possibilidade de sua aprovação e este responde que não há mais possibilidades, uma vez que os

resultados já se encontram oficialmente na secretaria do estabelecimento de ensino; então, a responsabilidade já não está mais em suas mãos. Ou seja uma relação entre sujeito-professor-aluno – passa a ser uma relação entre coisas: as notas.” (Luckesi, p. 24)

A avaliação da aprendizagem vai além da nota, além da aprovação e reprovação, do conteúdo exposto e aprendido. Pois ela tem um sentido de nossa vida. É na escola que se faz o diagnóstico da avaliação da aprendizagem. E neste diagnóstico deve ser levado em consideração o aluno como sujeito construtor de sua própria história, e como um ser social dotado de inteligência com a capacidade de construir-se e reconstruir-se. A avaliação feita de uma maneira correta, só traz benefícios e crescimento para os alunos.

“A seguir, avaliação é necessidade intrínseca da intervenção adequada, pois a efetividade da intervenção depende do conhecimento correto das condições históricas concretas, para poder introduzir nelas o ímpeto de mudanças buscado. Neste sentido, avaliação coincide com pesquisa, compreendida esta como estratégia de

questionamento diagnóstico permanente da realidade, para, com conhecimento adequado sempre reconstruído, poder intervir melhor. Significa, pois, competência histórica, para conjugar, na devida proporção hierárquica, qualidade formal e política.” (Pedro Demo, p. 30,31).

A avaliação da aprendizagem tem-se tornado um meio de autoritarismo para certos educadores. Até certo ponto é bom usar o autoritarismo, levando em consideração que o discurso do professor é sempre autoritário. Mas nem por isso o professor deve prevalecer e ir além de sua autoridade na vida escolar do educando. Este excesso de autoritarismo do professor trocado pela preocupação em formar cidadãos críticos e sujeito de sua própria história seria mais proveitoso.

“O que pode estar ocorrendo é que hoje, se exercite a atual prática de avaliação da aprendizagem escolar-ingênua e inconscientemente – como se ela não estivesse a serviço de um modelo teórico de sociedade e de educação, como se ela fosse uma atividade neutra. Postura essa que

*indica uma defasagem no entendimento
e na compreensão da prática social."*

(Luckesi, p. 29).

É através da avaliação que se faz mudanças, usando os seus resultados como um mecanismo para diagnosticar o problema. E partindo daí faz-se o prognóstico, isto pelo fato de que não é importante para o educador somente levantar problemas, mas sim encontrar uma solução para o problemas levantados.

*"Não cabe no educador apenas o
ímpeto crítico por exemplo, levantar
problemas em torno da aprendizagem –
porque seu compromisso é tipicamente
reconstrutivo. Quer dizer, diagnosticar
para prognosticar, no sentido de
investir na recuperação da
oportunidade de aprendizagem do
aluno." (Pedro Demo, p. 31)*

Cada professor deve ser cauteloso ao fazer o julgamento da aprendizagem dos seus alunos, pois as anotações registradas nas fichas permanecerão intactas. E o aluno como é um ser histórico e sujeito do seu próprio conhecimento; está constantemente se evoluindo tanto no aspecto intelectual, social, filosófico e psicológico. E às vezes o professor perde o bom

senso e exagera em usar o poder que exerce sobre o aluno e com isto o prejudicado é o aluno.

“O educando como sujeito humano é histórico; contudo, julgado e classificado, ele ficará, para o resto da vida, do ponto de vista do modelo escolar vigente, estigmatizado, pois as anotações e registros permanecerão, em definitivo, nos arquivos e nos históricos escolares, que se transformam em documentos legalmente definidos.”
(Luckesi, p. 35).

A avaliação é como se fosse um termômetro, aparelho este que serve para medir toda a temperatura do ser humano quando se encontra acompanhado pelo médico para tratamento de sua saúde.

É através do termômetro que o médico detecta se o paciente tem febre ou não. E a partir do então diagnóstico é que será feito o tratamento para esse paciente recuperar o seu estado de saúde. Só que a avaliação tem sido usada como instrumento para denegrir a imagem do educando, até porque se fosse usada com bom senso, não havia tanta reprovação escolar, como tem acontecido.

Será que um dos fatores que tem contribuído para o fracasso da avaliação da aprendizagem escolar do aluno, não é a falta de leitura de muitos professores?

"De instrumento de diagnóstico para o crescimento, a avaliação passa a ser um instrumento que ameaça, disciplina os alunos pelo medo. De instrumento de libertação, passa a assumir o papel de espada ameaçadora que pode descer a qualquer hora sobre a cabeça daqueles que ferirem possíveis ditames da ordem escolar. Que inversão." (Luckesi, p. 41)

A avaliação da aprendizagem deveria funcionar dando condições para que o aluno desenvolvesse as suas faculdades mentais, assim ela estaria contribuindo para conhecimento do aluno. Tornando-o capaz de ser crítico e construtivo, atendendo às suas necessidades, e não somente para medir a quantidade de conteúdo visto pelo aluno.

"A avaliação deverá verificar a aprendizagem não a partir dos mínimos, possíveis, mas sim a partir dos mínimos necessários." (Luckesi, p. 44)

De acordo com Luckesi a avaliação auxilia os professor e alunos a encontrarem saída para os problemas surgidos na caminhada escolar. Isto porque não é só o aluno, que é

avaliado, mas o professor também é avaliado. E para entender isto o professor terá que ser crítico e construtivo, porque o seu papel de professor diante do aluno tem grande influência em todos os aspectos de formação que o educando necessita. O professor não deve ficar preso à pedagogia e ao modelo da sociedade, de modo contrário ficará impossibilitado de fazer mudanças e escrever junto com seus alunos.

“Um educador, que se preocupe com que sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está caminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos, para a participação democrática da vida social.” (Luckesi, p. 46)

A avaliação da aprendizagem tem sido realizada de modo incoerente, pois o que se observa através dela é o insucesso e o erro do aluno, pois a avaliação deveria ser aplicada para verificar em que grau de qualidade está a aprendizagem do aluno, para poder prosseguir seus estudos a partir do diagnóstico, dando ao aluno um ensino de qualidade e que este venha colaborar para que ele seja um construtor de sua própria historicidade de vida.

“O que desejamos ressaltar é o seguinte: por sobre o insucesso e o erro não devem acrescentar a culpa e o castigo. Ocorrendo o insucesso ou erro, aprendemos a retirar deles os melhores e os mais significativos benefícios, mas não façamos deles uma trilha necessária de nossas vidas. Eles devem ser considerados percalços de travessia, com os quais podemos positivamente aprender e evoluir, mas nunca alvos a serem buscados.

Reiteramos que insucesso e erro, em si, não são necessários para o crescimento, porém, uma vez que ocorram, não devemos fazer deles fontes de culpa e de castigo, mas trampolins para o salto em direção a

uma vida consciente, sadia e feliz."

(Luckesi, p. 59).

A avaliação de aprendizagem tem sido usada com desvio de função, isto porque muitos alunos têm ficado retidos na série em curso. E em consequência deste fato o aluno desiste de estudar, pois se sente inferior aos colegas da classe. Há entre estes aqueles que são persistentes e insistentes em aprender. Só que devido a tanta reprovação o aluno perde tempo. E sempre acontece que o aluno deixa de estudar para trabalhar; ao passo que se a avaliação fosse usada com o objetivo de encaminhar o aluno e prepará-lo utilizando essa grande força de vontade que o aluno traz ao ingressar na escola, a realidade escolar seria bem diferente dessa que temos hoje em nosso país.

"Em síntese, a nosso ver, a atual prática da avaliação escolar tem estado contra a democratização do ensino, na medida em que ela não tem colaborado para a permanência do aluno na escola e a sua promoção qualitativa."

(Luckesi, p. 66)

Quando se fala em democracia surge a idéia de liberdade de expressão de suas idéias, bem como a participação com o mundo. Isto está claro em cada ser humano que tem sido uma parte do alicerce de nossa sociedade. E na escola não é diferente no que diz respeito a democratização do ensino.

O aluno quando vem para a escola, já sabe a maioria das regras impostas pela sociedade; ficando a cargo do professor orientar este aluno de modo preciso no que diz respeito aos conhecimentos científicos, isto porque o aluno já traz os seus conhecimentos empíricos.

O que se percebe na avaliação da aprendizagem que tem sido usada pelos profissionais da educação, que se dizem democratas escolares, há um contraste entre si, porque a avaliação da aprendizagem tem sido realizada para detrimento dos alunos fracos e elevação dos fortes, e também para manifestar o descontentamento de certos professores em relação aos seus alunos, sendo que na verdade a avaliação é para ajudar o professor encontrar saída para a solução dos problemas na aprendizagem dos seus alunos.

E na democratização do ensino, o aluno precisa ser avaliado como um todo. Ai entra a questão da qualidade e da quantidade de aprendizagem dos educandos. Pois o que deve ser levado em consideração é a qualidade do ensino fornecido pelo professor, como a qualidade da aprendizagem desenvolvida pelo aluno. Porque se o professor sabe conduzir seus alunos dando-lhes uma aprendizagem coerente, é claro que por certo saberá avaliar seus alunos, levando em consideração que esse aluno também é uma parte do alicerce de nossa sociedade.

“Isso ocorre em todos juízos de qualidade, inclusive na avaliação da aprendizagem. Nesse tipo de avaliação, há um dado de realidade, que são as condutas dos alunos, e há uma atribuição de qualidade a essa realidade a partir de um determinado

padrão ideal dessa conduta. Ou seja, o professor, tendo em suas mãos os resultados da aprendizagem do aluno, compara esses resultados com a expectativa de resultados que possui (padrão ideal de julgamento) e atribui-lhe uma qualidade de satisfatoriedade ou insatisfatoriedade.” (Luckesi, p. 70).

A avaliação só funciona como diagnóstico a partir do momento em que ela servir como um medidor do grau de compreensão dos alunos. E de acordo com o diagnóstico o professor deverá tomar decisões para elevar o conhecimento de seu aluno. Deve haver compreensão e diálogo entre professor e aluno, de modo contrário, a avaliação não será um instrumento de diagnóstico. Mas um instrumento destrutivo da formação psicológica e social do educando.

“A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de uma forma solta e isolada. É condição de sua existência a articulação com uma concepção pedagógica progressista.” (Luckesi, p. 82).

Trata-se do sistema filosófico e a comparação da aprendizagem escolar através de um juízo que se faz sobre os mesmos; o que se percebe da parte dos: professores, alunos, pais e

do sistema escolar, não é a aprendizagem do aluno no aspecto qualitativo. O que se percebe é a valorização da nota com a qual o aluno é aprovado ou reprovado. O que pode ser presenciado é a preocupação com a quantidade de conteúdo. O que acontece é que o aluno não aprende o conteúdo ensinado, e imediatamente o professor troca de conteúdo, sem que o seu aluno tenha socializado o conteúdo visto, ou seja, não houve a fixação da aprendizagem escolar. E quando o professor percebe que o seu aluno tirou nota baixa, o sistema obriga este professor a dar a recuperação com o objetivo de que o aluno tire a nota exigida dentro do regimento escolar.

“A partir dessa observação poder-se á argüir: estudar para melhorar a nota não possibilita uma aprendizagem efetiva? É possível que sim; contudo, importa observar que o que está motivando e polarizando a ação não é a aprendizagem necessária, mas sim a nota. E isso, do ponto de vista educativo, é um desvio, segundo nossa concepção.” (Luckesi, p. 91).

Segundo as pesquisas e experiências vividas, a avaliação e a verificação da aprendizagem são vistas de modos diferentes, pois a verificação é o mecanismo usado para detectar os objetos, e as falhas, sem haver nenhum posicionamento no que diz a encontrar saída para o problema da aprendizagem, e a avaliação é aquela que vai além do que está

visível e que procura uma saída para o problema, direcionando o professor a uma tomada de posição.

“A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A avaliação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação.”
(Luckesi, p. 93).

Portanto o que se percebe é que a escola trabalha com verificação da aprendizagem, em vez de trabalhar com a avaliação. O que se percebe na verificação da aprendizagem é que tem funcionado para classificar o educando em seu resultado: aprovação ou reprovação.

“As entrelinhas do processo descrito no tópico anterior demonstram que, no geral, a escola brasileira opera com a verificação e não com a avaliação da aprendizagem.” (Luckesi, p. 93)

A avaliação é um processo que deve ser feito na vida do educando, isto porque sabemos que todo aluno tem a sua história de vida e que dentro dessa história há um crescimento qualitativo em cada um deles. É por este motivo que se usa a avaliação para trabalhar com as diferenças de cada aluno, desenvolvendo nele as suas faculdades mentais através das descobertas feitas por ele próprio. Na avaliação qualitativa, o que é considerado é a qualidade da aprendizagem do aluno, e do ensino oferecido à ele.

“Implica este processo também o acompanhamento individual, tipicamente qualitativo, que descreve a trajetória histórica de cada aluno no sentido de sua evolução constante e progressiva. Não faz qualquer sentido descobrir ao fim do primeiro mês, na prova, que parte da turma não aprendeu bem ou nada. Já é tarde. Mas sobretudo, é uma injustiça contra os alunos que não tiveram o acompanhamento adequado.” (Pedro Demo p. 42)

Assim é que se fez necessário repensar a prática da avaliação enquanto instrumento medidor do ensino aprendizagem, ou seja, avaliar o aluno apenas com vistas à aprovação e/ou reprovação não pode e nem deve ser feito.

Avaliar, envolve todo o processo ensino-aprendizagem e assim se cogita a mudança na avaliação fazendo-a mais dinâmica dentro de um processo contínuo e ininterrupto.

A avaliação processual é aquela que acompanha todo o percurso do aluno dentro e fora da sala de aula. A nossa vida é um constante processo de modificações dentro da avaliação da aprendizagem processual. O aluno caminha junto com a evolução social, política, psicológica, religiosa e cultural, então este aluno dá a sua grande parcela de contribuição na sociedade em que vive, por isso se faz necessário que a avaliação da aprendizagem escolar do aluno esteja enquadrado no processo evolutivo de cada um deles.

"A cultura é uma construção que a humanidade vem elaborando ao longo do tempo, assumindo características específicas em cada época histórica assim como em cada espaço geográfico. Dentro dessa construção, cada ser humano nasce, cresce e morre. Cada um e a coletividade assimilam, reproduzem e renovam essa herança; é por meio desse processo de assimilação, reprodução e renovação da cultura que os indivíduos, como sujeitos, e a humanidade como um todo, se desenvolvem e caminham." (Luckesi, p. 129)

De acordo com as necessidades do aluno, do professor e do sistema educacional é necessário que a avaliação da aprendizagem seja um processo contínuo, para que possa atender os educandos nos aspectos: coletivos e individuais. Até porque o crescimento intelectual se processa individual e coletivamente. Devido a estes fatores é que se faz necessário a avaliação processual, e também porque a nossa vida é cheia de constante mudança e é um ciclo de descoberta que progride com todos os avanços da tecnologia. E por quê não se faz a avaliação processual?

"A forma como a criança caminha na aquisição da linguagem escrita é revelado quando substituímos o nosso papel de condutores, de facilitadores, para o de mediadores do conhecimento – a criança revela a sua forma de pensar, de escrever, criando suas hipóteses (textos ou operações matemáticas) e o professor, praticando a avaliação contínua, observa as dificuldades, a forma como cada um interage com o conhecimento, trazendo elementos que possam contribuir para que a criança avalie os resultados e avance, reelaborando-o" (CBA p. 14)

Avaliação: Processo contínuo e Compartilhado.

A avaliação da aprendizagem é um processo contínuo, pois é uma necessidade na vida escolar do aluno, do professor e da comunidade.

A escola possui a sua equipe que vive em função de todo o andamento escolar. Todo o direcionamento parte desta equipe que é responsável pelas mudanças e criação de novos cursos.

Não se esquecendo de que há dentro da unidade escolar um documento (PPP) que contém os objetivos, finalidades e critérios de avaliação usado dentro da escola.

É importante observar que a escola é um órgão que precisa conhecer o seu processo com todos os objetivos, finalidades, como também o trabalho dos professores e/ou alunos. É através desta globalização de conhecimento que se analisa e avalia o processo do ensino-aprendizagem tendo como ponto de referência os resultados obtidos. É a partir destes resultados obtidos que se elabora propostas, visando a melhoria do ensino-aprendizagem.

Fica a cargo dos professores a definição dos objetivos das unidades didáticas a serem trabalhadas em sala de aula, que também já estão dentro do PPP. Os professores são os grandes responsáveis dentro do processo ensino-aprendizagem, tendo os alunos como o plano individual de estudo, isto quer dizer, que o aluno é o centro de todas as atividades escolares.

Tudo que será feito dentro da escola, ou para a escola, primeiro deve ser lembrado e considerado o aluno. Este processo é contínuo e compartilhado, além de envolver a equipe

da escola: professores, alunos e os pais fazem parte deste processo, dando sua contribuição em reuniões, através de sugestões e críticas construtivas com o objetivo de melhorar o plano de trabalho da escola e o plano de estudo de seus filhos. Os pais acompanham o processo através de reuniões e entrevistas, surgindo daí relatórios que informem sobre os resultados, e a partir de então se faz reuniões para discutir os resultados e levantar sugestões de melhoria.

O processo ensino-aprendizagem funciona globalizando os problemas, com a equipe da escola; os professores, alunos e pais. E dentro deste processo há o instrumento de avaliação de auto-avaliação, incluindo a todos os envolvidos nele. O instrumento de auto-avaliação funciona como "desconfiômetro" no trabalho desenvolvido pela escola. E a partir daí encontra-se solução para os problemas da aprendizagem. Lembrando de que o acompanhamento do processo através de reuniões é de suma importância dentro desse tipo de avaliação.

Após uma caminhada dentro do processo contínuo e compartilhado surge os resultados que também não devem estar à parte, soltos, mas juntos, pois estão contidos dentro da equipe da escola na fase inicial, na fase de desenvolvimento, fase final e fase de análise.

Para que isto possa acontecer há que se ter discussão coletivo dos resultados e elaboração de relatórios informativos, depois da análise e avaliação do processo Ensino-Aprendizagem, que se dá a partir dos resultados obtidos. A elaboração de propostas para melhorar o processo ensino-aprendizagem está inserida nas medidas que vão assegurar uma aprendizagem e um ensino mais significativos, com reunião para discutir os resultados e levantar sugestões de melhoria constantes. Dando seqüência a este ciclo de avaliação como processo contínuo e compartilhado surge o início de um novo processo ensino-aprendizagem, mais significativo para todos os envolvidos nele.

“Nesta perspectiva, a avaliação da aprendizagem é um mecanismo da aprendizagem, é um mecanismo da subsidiário do planejamento e da execução. É uma atividade subsidiária e estritamente articulada com a execução. É uma atividade que não existe nem subsiste por si mesma. Ela só faz sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução e dos resultados que estão sendo buscados e obtidos. A avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados.” (Luckesi, p. 130)

(Luckesi, p. 130)

Levantamento dos dados

Para o levantamento de dados que subsidiarão a pesquisa deste trabalho monográfico foram entrevistadas três professoras, sendo que uma trabalha na E.E.P.S.G. São José e que doravante será chamada de 1ª professora, outra trabalha na E.E.P.G. Mário Spinelli e será chamada de 2ª professora; a última trabalha na E. E. P.S.G. 14 de Fevereiro e será chamada de 3ª professora.

Das 3 professoras entrevistadas, a 1ª e a 3ª já lecionam há alguns tempo e têm conhecimento da proposta anterior bem como a que está posta para o CBA. Já a 2ª não conhece a anterior pelo fato de estar trabalhando de 1998 para cá.

As três entrevistas, via gravador foram transcritas para o papel da maneira que falaram, por isso algumas colocações estão incorretas, na forma de escrever e que se acham nos anexos.

A 1ª professora respondeu a pergunta nº 1 levantando os seguintes dados: que a avaliação da aprendizagem anterior a esta do CBA, é boa tanto quanto a atual, que era feita mensal e por escrito e que agora o aluno é avaliado diariamente através de fichas. A professora disse que com aquela avaliação os alunos tinham bom resultado, assim como agora.

"Eu, no modo de entender, as duas são ótimas. Porque antes, você fazia por escrito com o aluno mensal, além de cê

trabalhar todo tida né, aqui você fazia aquela avaliação por escrito mensal. E agora não. Que nem no caso do C.B.A. a gente trabalha assim, não tem aquela avaliação por exemplo, você não faz aquela prova... prova escrita. Você avalia, eles diariamente através de fichas né, e então, naquela época dava resultado, também agora tá dando resultado. Porque você... faz com que o aluno aprende avaliando ele todo dia."

Outro dado frisado pela 1ª professora foi a questão de amarrar o aluno em um conteúdo e não passar para outro enquanto o aluno não aprender aquele que está sendo ensinado. Ela disse que essa observação diária faz com que a professora veja a dificuldade do aluno e trabalha este aluno de acordo com a sua necessidade. Ressaltou que antes, o aluno só era observado (avaliado) no final do semestre. E que agora, este aluno é observado diariamente.

"Se você viu que ele não aprendeu hoje, amanhã cê num vai pra frente. E eu acho que foi até melhor porque antes você ia observar isso lá no final do

*semestre e agora cê observa
diariamente.”*

E na pergunta nº 2 a 1ª professora falou dos mecanismos usados no ensino e aprendizagem dentro do C.B.A., que para ela tem sido os mesmos da proposta anterior a esta que se está trabalhando. Assim sendo a professora deu exemplo do seu próprio trabalho em sala de aula.

“Tem... eu acho que tem sido. E agora a gente usa os mesmos mecanismos, por exemplo, assim no caso da leitura, mesmo né..! você trabalha o ... sistema silábico cê continuava trabalhando o sistema silábico que nem agora em... é... na 2ª série trabalha produção de texto. Né! Você trabalha... usa os mesmos mecanismos, só que na hora de avaliar cê não avalia através de nota. Entendeu? Cê não... cê não dá um 7 pro aluno. Você já avalia ele através de ficha então... invés de você colocar o número 7 lá como nota, você coloca que o aluno tem uma ótima leitura, interpreta texto, tem dificuldades de

escrever é... algumas... dificuldades ortográficas."

A pergunta número 3 sobre coerência e coesão, a 1ª professora disse que dentro da nova proposta do CBA, está havendo coerência e coesão na avaliação da aprendizagem.

"Tá. Tá, porque aí, na hora que você observa que o aluno não aprendeu, você não vai pra frente. Eu vou dar um exemplo em matemática. Eu... já teria que ter passado para subtração. Só que eu tenho aluno que não aprendeu adição. Então... tá me segurando lá na adição. E antigamente não, antigamente você ia embora né? Aquele que não aprendeu ele ficava lá, ele ia sempre arrastando, agora cê tenta levar a turma junto."

A pergunta número 4 sobre avaliação da aprendizagem, onde a escola e os professores se auto avaliam, a 1ª professora afirma que a escola e os professores estão se auto-avaliando para que possa desenvolver um bom trabalho com seus alunos.

“Sim. Porque aí a gente... Ah! Porque o aluno não aprendeu né? Será que é ne mim? Eu vou me avaliar.”

A 1ª professora responde a pergunta número 5 dizendo que de acordo com a nova proposta curricular o aluno tem sido avaliado como o centro de todo o funcionamento da escola.

“Tudo em torno do aluno... Eu acho que é tudo em torno do aluno né! Porque... há aprendizagem do aluno né...”

Em resposta à pergunta pergunta número 6 da 1ª professora afirma que antes da proposta do CBA ela já trabalhava usando esse processo de avaliação contínuo. E gosta desse tipo de avaliação.

“Eu gosto desse tipo de avaliação. Mesmo...antes, dá... ante da gente passá pra turma do CBA é... Eu já trabalhava assim... com esse processo, sabe? Por exemplo assim, uma semana ante da prova eu já ia fazer a revisão e através daquela revisão eu já começava a avaliar o aluno e eu já ficava sabendo

mais ou menos aquele que sabia, aquele que não sabia, né? E... e esse processo é bom que ele é diariamente todo.. todo dia você vê ele."

A pergunta número 7 respondida pela 1ª professora, diz que esse processo de avaliação é feito de modo qualitativo.

"Qualitativa. A qualidade né?"

Na pergunta número 8 fala que o melhor caminho é avaliar o aluno, como um todo, isto porque o aluno é o próprio construtor de sua história de vida.

"É porque geralmente o aluno não aprendeu né? Muitas vezes ele não aprende aqui na sala de aula porque ele tem um problema na família, tem um problema de saúde né? Se o aluno não copia em cima da linha... cê tem que vê se ele não tem problema de visão, né? Porque..."

E na pergunta número 9 a professora diz que a avaliação diária é suficiente para descobrir se o aluno está ou não desenvolvendo. A professora acredita plenamente que se o aluno for avaliado diariamente, ele irá crescer dentro de suas possibilidades.

*“Consegue. Porque aí você não vai...
você não vai pra frente... vocês pára ali,
você tem uma turma de 25 alunos na
sala de aula, cinco não aprendeu, esses
cinco vai segurar você ali. Eu acho que
sim.”*

A 1ª professora na pergunta número 10 continua dizendo que o acompanhamento dentro do processo ensino-aprendizagem faz com que o aluno se desperte para o aprendizado.

*“Eu acho que sim, porque daí você
faz... É... apesar de você já tá em cima
dele todo dia, você já tá forçando ele,
ele não aprendeu cê vai lá na carteira
dele... Ah! Você tem, que aprender isso
e isso... Aí quando... você vê que é falta
de interesse você já chama o pai e a
mãe porque... que nem no caso do CBA
você não segura o aluno. Eu não vou*

segurar essa turma aqui esse ano. Então eles vão ter que ir para a 3ª série de qualquer jeito. Então você.. vai fazer tudo para aquele aluno acompanhar a turma, pra ele é igual a turma.”

A 2ª professora, respondendo a pergunta nº 1, disse que a avaliação anterior ao CBA, era mais difícil, e que a aprendizagem se processava pelo método da decoreba. E continuou dizendo que o aluno era avaliado através de notas e provas.

“Bem essa avaliação da passada é mais difícil, o aluno que mais era decorar, tinha que corrigir prova, assim tudo era nota, nota o aluno quase nem importava.”

Na resposta da pergunta nº 02, a professora deixou bem claro a importância dos alunos trabalharem em grupos, a liberdade que isso pode causar dando a eles um bom entrosamento social. A 2ª professora compara a liberdade anterior dos alunos com a atual dentro da proposta do CBA. Ela diz que houve um melhor rendimento escolar na aprendizagem do aluno.

“E agora não, ele tem mais liberdade de falar, de estudar em grupo com outros colegas, ele tem mais liberdade.”

Continua dizendo que trabalha com material da atualidade do aluno, bem como sucata. Ela afirma que dentro da proposta do CBA se trabalha com material do tipo mencionado abaixo.

“Material da atualidade do aluno, conhecimento dele, materiais de sucata tudo dentro do CBA. Tem essas coisas.”

Na pergunta número 3, a 2ª professora disse que não sabe se tem havido coerência e coesão na avaliação da aprendizagem dentro desta nova proposta dada, o CBA.

“Não sei”

A 2ª professora, responde a pergunta número 4, dizendo que acredita que os professores juntamente com a escola, estão se auto-avaliando.

“Sim”

A 2ª professora, na pergunta número 5 não houve nenhuma resposta e nem mesmo algum questionário sobre o aluno ter sido ou não o centro de todas as atividades escolares, e na pergunta número 6 disse que avalia os alunos através de fichas onde ela anota todo o desenvolvimento e as dificuldades do aluno. A professora disse que essa avaliação é favorável ao aluno e à professora.

“Ficha, desenvolvimento dele, a aprendizagem que ele aprendeu. Do meu ponto de vista eu acho bom. Tem muitas melhorias.”

A segunda professora não continuou respondendo as perguntas números 7, 8, 9 e 10; porque disse que tudo já estava respondido nas perguntas anteriores.

E a 3ª professora responde a pergunta nº 1 com comentários de como era feito a avaliação da aprendizagem anterior e atual, que antes era avaliado através de prova e que hoje o aluno é avaliado pelos exames e testes. E hoje na escola atual, segundo o novo método o aluno é diagnosticado para que o professor perceba o que o aluno aprendeu, ou que ele deixou de aprender.

“Antes era com prova né! Agora é exames, testes, antes ficava só medindo os alunos né, classificando e hoje, diagnosticando o que ele aprendeu, o que ele deixou de aprender.”

Na pergunta nº 2, a terceira professora falou que os mecanismos foram mudados, pois não houve a interrupção do aluno de uma série para outra.

“Tirou a interrupção de um ano para outro, o aluno não reprova da 1ª para a 2ª, continua mesmo...”

E na pergunta número 4, a 3ª professora fala da avaliação da aprendizagem dos alunos e também se os professores estão se auto-avaliando. A resposta dada pela professora foi que o que ela está percebendo é que a escola não está se preocupando em se auto-avaliar, a maior preocupação com a aprendizagem dos alunos parte dos professores.

“Eles não estão muito preocupado não. Só o professor que sente a preocupação. A equipe pedagógica querem é que os alunos passem de uma série para outra.”

Na pergunta número 5, a 3ª professora afirma que o aluno é o centro de todas as atividades escolares. E que está sendo valorizado o conhecimento que o aluno traz consigo. E assim o professor desenvolve a criatividade do aluno.

*“Sem o aluno a escola não funciona.
Valorizar o que o aluno já sabe e a
escola dará continuidade daquilo que o
aluno já sabe.”*

Na pergunta número 6 a 3ª professora fala do seu ponto de vista em relação a nova proposta no CBA, dizendo que para aqueles alunos que não são problemas a nova proposta favorece. Ela diz que esta proposta é bem melhor que a anterior.

*“Mas o aluno que não tem problema na
aprendizagem ele aprende mesmo, é
bem melhor.”*

A 3ª professora na pergunta número 7 diz:

*“Sim, eu achei que não estava certo
passar o aluno sem saber.”*

Com essa fala, a professora está demonstrando que a avaliação seja qualitativa.

A 3ª professora, respondendo a pergunta número 8, dizendo que o aluno deve sim ser avaliado como um todo pelo fato dele já trazer consigo uma grande bagagem de conhecimento, então o professor dando continuidade no conhecimento do aluno está avaliando como um todo.

"O professor também não faz milagre. O professor não faz milagres não. Né?"

A 3ª professora, na questão número 10, fala que com todo o acompanhamento feito por ela ainda existe alunos que não conseguem aprender.

"Avaliar o aluno de acordo com a proposta, com uma sala de 40 alunos é quase impossível. Se avaliar de acordo com a proposta. Então fica muitas coisas que passam despercebidas."

A pergunta número 9, é sobre a avaliação diária, e seus pormenores. A 3ª professora foi bem clara em dizer que estes resultados pormenores tem se tornado impossível. Uma das causas é que as salas de aula estão superlotadas chegando até 40 alunos. E isto segundo a professora, impede esta avaliação minuciosa.

"Valorizar o que o aluno já sabe e a escola dará continuidade daquilo que o aluno já sabe."

Análise dos levantamento dos dados

“A finalidade da avaliação, portanto, não é aprovar ou reprovar, dar nota alta ou baixa, classificar simplesmente o aluno. Trata-se de um processo de acompanhamento sistemático do desenvolvimento escolar dos alunos. Nele, o professor mostra as suas qualidades de educador, na medida em que trabalha a favor do desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos, face às exigências da vida social.” (CBA, p. 16)

A finalidade da avaliação é exatamente para acompanhar o seu desenvolvimento escolar. É através da avaliação que o professor demonstra o seu bom trabalho em relação ao desenvolvimento intelectual do aluno, preenchendo assim as convenções impostas pela sociedade.

“Com isto já demarcamos um compromisso essencial da avaliação, a saber: sua razão de ser é garantir a aprendizagem qualitativa do aluno. Deve, pois, ser includente, jamais excludente, ainda que, sempre expresse alguma forma de acompanhar e comparar o desempenho dos alunos.”

(DEMO p. 10)

A avaliação da aprendizagem tem sido interpretada de modo diferente da sua realidade. Há professores que usam a avaliação para excluir os alunos de sua própria sala de aula. Sendo que o papel dela é incluir o aluno dentro do processo ensino-aprendizagem.

Dentre os dados levantados pelas entrevistas das 3 professoras de diferentes escolas, houve pontos relevantes, assim como houve também pontos divergentes entre elas.

A 1ª professora se contradiz com a proposta do CBA, quando ela diz:

“Se você viu que ele não aprendeu hoje, amanhã ele vai pra frente.”

Essa atitude da professora contraria o CBA que tem um processo de avaliação contínua. E se a maioria dos alunos estão assimilando o conteúdo, a minoria acompanha a turma neste processo contínuo, pois o que visa nesta proposta de avaliação são as diferenças

de cada aluno. E a avaliação da aprendizagem neste processo contínuo engloba-as nos aspectos intelectual, social e psicológico.

“A organização por ciclo permite continuidade, flexibilidade e acatamento a ritmos individuais que a seriação dificulta.” (Série Subsídios, p. 16)

Dentro dos parâmetros curriculares o aluno é respeitado e aceito como ele é. E a flexibilidade está presente neste trabalho com o aluno, visando atender as necessidades dos educandos.

Outra contradição com o CBA, é quando na pergunta 1, a 1ª professora diz que:

“Porque você... faz com que o aluno aprende avaliando ele todo dia.”

E segundo a proposta de avaliação no CBA, o aluno sente motivado a aprender o que realmente ele está necessitando.

“Sabemos que as crianças aprendem muito mais construindo do que repetindo o que os outros disseram.”
(Emília Ferreira, p. 30)

A 1ª professora continua contradizendo o CBA, quando diz que:

“E agora a gente usa os mesmos mecanismos, por exemplo, assim no caso da leitura, mesmo né... você trabalhava o ... sistema silábico cê continuava trabalhando o sistema silábico, que nem agora em .. é ... na 2ª série trabalha produção de texto. Né? Você trabalha ... usa os mesmos mecanismos, só que na hora de avaliar cê não avalia através de nota.”

Segundo os estudos, a nova proposta de avaliação no CBA, utiliza o processo contínuo de avaliação e os mecanismos para tanto não são os mesmos da proposta anterior.

“O C.B.A., amplia a possibilidade da leitura e escrita, assegurando uma base de conhecimentos e habilidades necessárias ao progresso nos estudos. Dessa forma, e através das ações partilhadas em situações sociais concretas, a criança se apropria de um

saber construído em uma cultura e se modifica concomitantemente.” (Série Subsídios, p. 17)

Quando se fala em coerência e coesão a 1ª professora afirma que tem havido isso em sua sala de aula. Porém ela disse que:

“Na hora que você observa que o aluno não aprendeu, você não vai pra frente. Eu vou dar um exemplo em matemática. Eu... já teria que Ter passado para subtração. Só que eu tenho aluno que não aprendeu adição. Então... tá me segurando lá na adição.”

Ao passo que a proposta do CBA, não é segurar o aluno e sim trabalhar conceitos envolvendo conteúdos da realidade do aluno. E demais não é justo segurar toda a sala de aula somente em um conteúdo sendo que os alunos com dificuldades em um determinado conteúdo são a minoria.

“Ora, ainda que no processo de avaliação sejam utilizados instrumentos e números, a sua utilização situa-se bem distante dos precisos e objetivos

processos de medição, mesmo em assuntos como a matemática. Por isso, não nos podemos deter apenas nos aspectos técnicos da avaliação. Estes, embora relevantes, precisam ser socialmente contextualizados, até porque a avaliação é meio e não fim em si mesma e está circunstancialmente delimitada.” (CBA, p. 28)

A 1ª professora fala a respeito da auto-avaliação da escola e dos professores. Segundo a professora está acontecendo a auto avaliação em sua escola. Mas segundo a entrevista, a professora demonstra insegurança, se realmente está ou não acontecendo a auto-avaliação da escola e dos professores.

“Sim. Porque aí a gente ... Ah! Porque o aluno aprendeu né? Será que é ne mim? Eu vou me avaliar.”

“Os conteúdos a serem estudados, como já fazem parte do currículo escolar previamente estruturado, deverão passar por uma análise crítica com vistas à identificação daquilo que

representa o essencial e o que representa o secundário a ser aprendido. Nesse caso, o critério básico para se efetivar essa distinção deverá ser a própria realidade concreta dos educandos, a partir da qual o saber sistematizado poderá ser selecionado com vistas a funcionar como instrumento de compreensão crítica da dinâmica dessa mesma realidade.”
(Antônio, p. 48).

A 1ª professora diz que o aluno tem sido avaliado de acordo com a proposta do CBA e que este aluno tem sido o centro de todas as atividades escolar. Porém ela demonstra dúvida neste assunto em relação ao aluno.

“Tudo em torno do aluno... Eu acho que é tudo em torno do aluno né! Porque... há aprendizagem do aluno né...”

E de acordo com a nova proposta o aluno é realmente o centro de todas as atividades escolar, tendo em vista que o processo de avaliação é feito diariamente, isto quer dizer, que o aluno é avaliado constantemente, por ser um processo contínuo. E da parte da 1ª professora houve contradição quando ela diz que:

“Eu já trabalhava assim ... com esse processo, sabe? Por exemplo assim, uma semana antes da prova eu já ia fazer a revisão e através daquela revisão eu já começava avaliar o aluno e eu já ficava sabendo mais ou menos aquele que sabia aquele que não sabia, né? E... e esse processo é bom que ele é diariamente todo... você... consegue vê ele.”

E esta afirmação da 1ª professora entra em choque com a nova proposta dentro do CBA. Pois no CBA, primeiro avalia o aluno e em seguida ensina esse aluno, levando-o para dentro do processo ensino aprendizagem.

“Há aí uma grande inversão: ensina-se para avaliar-se e avalia-se para ensinar.” (CBA, p. 18)

Sobre a avaliação qualitativa a 1ª professora diz:

“A qualitativa né?”

E realmente esta avaliação no processo contínuo de acordo com o CBA, é qualitativa, pelo fato de que esta proposta prima pela qualidade e não pela quantidade. O que se observa nesta proposta é que o aluno aprenda o essencial exigido pela sociedade, facilitando a ele o desempenho de sua função, e como um cidadão construtor de sua própria história de vida.

“Na nossa compreensão, a avaliação refere-se, portanto, a um processo de apropriação e construção de conhecimentos por parte de alunos e professores, a um movimento de ação-reflexão- ação, que ocorre na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, compreensível, carregado de significados.” (CBA, p. 25)

A 1ª professora prossegue falando da avaliação diária dentro do processo-ensino-aprendizagem. Ela diz que essa avaliação é suficiente para atender os alunos nos mínimos detalhes.

“Consegue. Porque aí você não vai... você não vai pra frente... você pára ali, você tem uma turma de 25 alunos na sala de aula, cinco não aprendeu, ggses

cinco vai segurar você ali. Eu acho que sim."

Mas quando a professora diz que em uma turma de 25 alunos, cinco não aprendeu, então ela pára e dá continuidade da matéria, já está se contradizendo com a proposta da avaliação como um processo contínuo. Se é contínuo não pára.

"A avaliação nunca deve ser confiada a um único instrumento, a uma única forma, nem pode ficar restrito a um só momento. Por isso a avaliação escolar deve ser um processo contínuo, que ocorra de diferentes formas e nos mais diferentes momentos do trabalho."
(CBA, p. 28)

O aluno é avaliado como um todo, é o grande enfoque dentro da proposta do CBA. E a 1ª professora teve dúvida neste aspecto de avaliar como um todo.

"É porque... geralmente o aluno não aprende né? Muitas vezes ele não aprende aqui na sala de aula porque tem um problema na família, tem um problema de saúde né?... por exemplo, a

visão do aluno, né? Se o aluno não copia em cima da linha... cê tem que vê se ele não tem problema de visão né? Porque...”

O que se percebe, é que a professora tem dúvida sobre o assunto. Talvez seja por falta de conhecer a fundo a nova proposta, que a professora está agindo com indiferença ao CBA.

“Esse modo de conceber a avaliação indica a importância de se avaliar a evolução, o processo pelo qual o aluno passa e não apenas o produto, o volume de informação retidas em sua memória, indica a necessidade de se considerar, ao avaliar cada aluno, o seu “todo” e não apenas alguns aspectos particulares.” (CBA, p. 25)

E na pergunta nº 10, a 1ª professora acha que o acompanhamento do aluno dentro do processo impulsiona-o para a efetivação da aprendizagem. E ao mesmo tempo este aluno sente forçado a aprender porque está tendo um acompanhamento num processo contínuo para a aprendizagem. Porém logo a seguir a 1ª professora fala:

“Aqui eu tenho alunos na 2ª série que veio de outra professora. Eles não lê, nada, então o que eu vou fazer com esse aluno. Eu não vou poder segurar ele aqui. E que eu vou fazer? Milagre? Não tem...”

A 2ª professora na pergunta nº 01 diz sobre as dificuldades da avaliação anterior ao CBA.

“Bem, essa avaliação da passada é mais difícil, o aluno tinha que mais era decorar, tinha que corrigir prova, assim tudo era nota, nota, o aluno quase nem importava.”

Porém não comentou nada da nova proposta de avaliação de acordo com o CBA. No início da entrevista, a 2ª professora disse que não conhecia a proposta anterior ao CBA. Mas, também não demonstrou conhecimento suficiente dentro da nova proposta, o CBA.

“Subjetividade não pode comprometer as exigências objetivas inerentes ao processo de ensino e a objetividade não pode ignorar os elementos valorativos

que se fazem presentes nesse processo. Para superar essa aparente ambigüidade entre o objetivo e o subjetivo, o professor precisa ter convicção éticas, pedagógicas e sociais, o que lhe dará autonomia para utilizar instrumentos e técnicas diversificadas de avaliação.” (CBA, p. 29)

E na pergunta nº 02, a 2ª professora disse que no CBA, o modo de trabalhar com os alunos tem sido diferente.

“... e agora não, ele tem mais liberdade de falar, de estudar em grupo com outros colegas, ele tem mais liberdade.”

Tem se realizado trabalho em grupos, o aluno tem oportunidade para dar opiniões e expressar os seus sentimentos. O que se percebe é que os mecanismos desta nova proposta de avaliação, não são os mesmos da proposta anterior.

“Salinas, Rodriguez, Sanches – Marmol e Juste (1997) fazem referência a algumas modalidades de avaliação formativa, adotadas em escolas₂ da

Espanha. Tais escolas têm desenvolvido outros sistemas de coleta de informações, consideradas mais amplos e adequados. No lugar de provas de controle, boletins e notas, a avaliação baseia-se, sobretudo, na observação minuciosa e na discussão coletiva sobre o processo de aprendizagem dos alunos. As principais estratégias utilizadas nessas escolas são: observação direta do aluno em suas atividades individuais e coletivas, nas aulas, ou fora delas, revisão dos cadernos de trabalho, assembléia de classe, entrevistas e/ou reuniões com as famílias, diário de classe, agenda escolar individual e outras atividades escrita.” (CBA, p. 30,31)

A 2ª professora respondeu a pergunta nº 02 simplesmente dizendo:

“Não sei”.

A professora não sabe se tem havido coerência e coesão na avaliação da aprendizagem de acordo com o CBA; demonstrou sinceridade em responder que não sabe sobre a coesão e coerência, pois na realidade, a maioria dos professores não sabem mesmo como trabalhar esta nova proposta de avaliação da aprendizagem como um processo contínuo.

Na pergunta número 4, a 2ª professora diz que a escola e os professores estão se auto-avaliando.

“Tem”.

Só que esta resposta contradiz a anterior. No que concerne estar havendo coerência e coesão. Então fica difícil de se acreditar se a escola e os professores estão se auto avaliando.

O assunto da pergunta nº 05, é desconhecido pela 2ª professora.

“Não sei”

E não sabe se o aluno tem sido ou não o centro de todas as atividades escolares. Mais uma vez, a 2ª professora demonstra estar alheia a profissão que exerce.

“Como se observa, avaliar não é uma tarefa simples ou rápida. Exige reflexão, discernimento, ponderação, estudo, preparação, programação. Nesta perspectiva, os instrumentos de

coleta de dados sobre a aprendizagem dos alunos não devem ser sempre os mesmos. É preciso, pois, levar em conta uma grande variedade de atividades: discussão e revisão coletiva da matéria, correção de tarefas de casa, testes rápidos, breves dissertações, discussão dirigida, conversação didática, exercícios, estudos dirigidos, trabalho em grupo, conversas informais com os alunos e com seus pais, verificações formais por conversa informais por meio de prova dissertativa, provas de questões objetivas, arguição oral, observação contínua, diário de classe, trabalhos realizados individualmente e reproduzidos em grupo, provas sem e com consulta." (CBA, p. 31, 32)

Portanto na pergunta número 6, a 2ª professora fala que avalia com anotações das fichas de cada aluno.

“Ele está sendo avaliado pela ficha né? bimestral, o que está fazendo né? O que o aluno sabe, se ele desenvolveu no bimestre.”

Porém ela se esqueceu de dizer que essa avaliação atual é um processo contínuo e que não tem fim. Isto porque o aluno necessita de ser constantemente avaliado pelo professora para que ele possa ter um desenvolvimento necessário à sua vida cotidiana.

“Por isso, o resultado de um processo de avaliação nunca revela o sucesso ou o fracasso apenas do aluno, mas também, o sucesso ou o fracasso do professor, da escola, do planejamento, das metas estabelecidas. Portanto, é preciso superar o uso da avaliação como instrumento de legitimação da exclusão social. Isso implica em lutar por uma escola e um ensino de qualidade para todos, recusando as hierarquias de qualidade baseados na origem social dos alunos. É assim que o CBA concebe a avaliação.” (CBA, p.

A 2ª professora, não deu prosseguimento as perguntas números 7, 8, 9 e 10, porque segundo ela já havia respondido tudo nas perguntas anteriores. A falta de respostas às perguntas citadas acima, dá a entender que a professora está trabalhando alguém da proposta contida nos parâmetros curriculares.

“... desenvolver um processo de avaliação contínuo progressivo no CBA, deixa de ter sentido a recuperação ao final do ano letivo. O aluno é avaliado constantemente e suas possíveis dificuldades tratadas imediatamente. A avaliação tem como função o desenvolvimento do aluno e por isso deve ter um caráter diagnóstico, principalmente. Descobrir o quê, como e porque do pensamento dos alunos uma atividade que permite ao professor uma tomada de decisão importante com relação ao planejamento de suas aulas. Identificar o que foi aprendido pelos alunos, assim como descobrir suas dificuldades, facilita a seleção de

conteúdos e procedimentos de ensino."

(CBA, p. 19).

A 3ª professora na pergunta nº 01 disse:

"Antes era com prova né! Agora é exames, testes, antes ficava só medindo os alunos né, classificando e hoje, diagnosticamos o que ele aprendeu, o que ele deixou de aprender."

A 3ª professora disse muito bem, só que está equivocada com classificando e diagnosticando. Ela se esqueceu de comparar as duas avaliações e dizer que a avaliação atual é um processo contínuo.

Na questão número 2, a 3ª professora disse:

"Tirou a interrupção de um ano para outro, o aluno não reprova da 1ª para 2ª, continua mesmo..."

O que se percebe é que a 3ª professora se equivocou em comparar os mecanismos anteriores com os do CBA.

“Nessa perspectiva pode considerar que é insuficiente restringir as verificações de aprendizagem a provas realizadas ao final dos bimestres, com o propósito de conferir a obtenção de um determinado volume de informações. Mais do que provas esporádicas, é preciso existir ampla variedade de meios, instrumentos e medidas de avaliação, a fim de possibilitar condições mínimas para que o professor, como um juiz, avalie, aprecie, julgue o mérito, raciocine e anuncie, enfim, veredito. Adotar essa forma significa assumir uma estratégia de avaliação formativa. No âmbito da avaliação formativa, é possível constatar a existência de outros sistemas de coleta de informações, menos agressivos e mais úteis, que

podem ser utilizados cotidianamente pelos professores.” (CBA, p. 30).

E na pergunta número 3, a 3ª professora diz que:

“Aqueles alunos que têm problema... eles não... do CBA passa para 3ª séries sem condições, porque não pode reprovar. O aluno passado no final do ano, veio um documento para nós, que se a gente retesse um aluno, no CBA e não passasse ele para a 3ª série, o professor poderia até responder um processo jurídico né?”

O que se percebe é que segundo a resposta da 3ª professora, não está havendo coerência e coesão na avaliação da aprendizagem, deixando transparecer na resposta seguinte uma certa incoerência.

*“Eles não estão muito preocupado não.
Só a professor que sente a preocupação.
A equipe pedagógica querem é que os
alunos passem de uma série para
outra.”*

Na verdade, a auto-avaliação nesta escola está aquém da proposta.

A 3ª professora afirma que:

*“Sem o aluno a escola não funciona.
Valorizar o que o aluno já sabe e a
escola dará continuidade daquilo que o
aluno já sabe.”*

Porém o que se percebe é que isto dificilmente acontece, ou seja, valorizar o aluno com sua bagagem adquirida na família, na sociedade, enfim no dia a dia.

A mesma professora fala sobre o seu ponto de vista em relação ao CBA.

“Mas o aluno que não tem problema na aprendizagem ele aprende mesmo, é bem melhor.”

Percebe que a nova proposta é mais favorável que a anterior.

Mesmo sendo favorável a 3ª professora questiona a avaliação quando ela diz:

“Sim eu achei que não estava certo passar o aluno sem saber.”

A 3ª professora acredita que esta avaliação seja qualitativa, na sua opinião, o aluno deve ser avaliado como um todo, esta avaliação é ampla na vida escolar do aluno.

“Valorizar o que o aluno já sabe e a escola dará continuidade daquilo que o aluno já sabe.”

Com esta fala a professora se coloca em contradição à fala anterior. Quando o aluno vem para escola, ele já tem um grande conhecimento de mundo, que se respeitado é capaz de transformar o aluno. E ainda sobre a avaliação continua dizendo:

“Avaliar o aluno de acordo com a proposta, com uma sala de 40 alunos é quase impossível, se avaliar de acordo com a nova proposta, o CBA. Então fica muita coisa que passam despercebidas.”

A 3ª professora deixa transparecer que a proposta está funcionando ilegalmente pelo fato da sala estar com excesso de números de aluno. O que se comprova dentro da proposta é:

“Construir turmas com 25 alunos ingressantes, no máximo, evitando qualquer tipo de teste que reverta em classificação e rotulação de alunos ou turmas; o critério mais sensato, nessa

perspectiva, parece ser o agrupamento por idade.” (CBA, p. 25)

A 3ª professora expõe o problema acima, e demonstra que a sua maneira de trabalhar esses alunos não tem sido suficiente para uma aprendizagem eficiente. Ela afirma que:

*“O professor também não faz milagre.
O professor não faz milagre não, né?”*

Observa-se segundo a proposta do CBA que realmente não há milagres na aprendizagem. O professor torna-se um mediador de conhecimento entre o aluno, sua bagagem histórica-cultural adquirida em seu meio social.

“Enfim, a avaliação deve ser contínuo e progressiva, deve acompanhar o desenvolvimento do aluno durante todo o processo de aprendizagem e considerar seus avanços e conquistas. As dificuldades devem ser logo percebidas para serem trabalhadas de

forma a serem superadas. No CBA, a avaliação tem um caráter mais de diagnóstico e deve ser realizada, periodicamente, de forma analítica e descritiva. Os alunos que porventura apresentarem dificuldades durante o processo deverão participar de programa de reforço a ser programado pelo coordenador do CBA, de acordo com as possibilidades da escola.” (Série Subsídios, p. 21)

Considerações Finais

A pesquisa em análise teve por finalidade mostrar como era trabalhado a avaliação da aprendizagem no processo anterior e no processo atual. Para que isto acontecesse realizei várias leituras de vários autores em prol do conhecimento da avaliação da aprendizagem. E após isto foram entrevistadas três professoras com o objetivo de coletar dados ou seja fatos que realmente comprovem o que é avaliar em um processo contínuo.

As três professoras responderam às perguntas de acordo com sua realidade profissional.

O que pude detectar dentro da nova proposta do CBA que pesquisei, é que ainda estamos fora dela, até porque ainda existe professor que não conhece a proposta do CBA, pois se houvesse um conhecimento à fundo desta proposta, a realidade escolar de nossos alunos seria outra.

O professor empenhado na proposta do CBA, também muda junto com os mecanismos teóricos-metodológicos de trabalho, e é parte integrante da contínua avaliação. As mudanças partem do professor e não dos alunos, sabemos que isso não muda milagrosamente, mas que no decorrer do tempo, o professor procurando incorporar-se à proposta, este quadro poderá mudar, talvez não seja uma mudança 100%, mas pelo menos que atenda às necessidades dos alunos, com o objetivo de torná-los críticos e construtores de sua realidade e conhecimento.

De acordo com o CBA, a avaliação é um processo contínuo, assim como a nossa vida também o é, e que funciona à partir do momento em que o professor tomar posição, vestir a “roupa de professor” e trabalhar para que aconteça as mudanças dentro da sua própria sala de aula. É lamentável dizer que ainda há professor que não conhece o papel específico da avaliação da aprendizagem, ou se conhecem, fingem ignorá-la.

“O papel específico da avaliação nesse processo é, portanto, o de permitir que os professores colem informações e realizem julgamentos de valor, necessário à orientação e à tomada de decisões a respeito do processo ensino-aprendizagem.” (CBA, p. 24)

Segundo as entrevistas com as professoras, o que eu pude detectar é que elas não têm conhecimento se a escola toda está envolvida no processo, e que não são elas sozinhas que vão resolver o problema das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Na escola há a equipe pedagógica que deveria orientá-las e até mesmo ajudá-las, trabalhando o aluno que apresenta dificuldades, ou seja, incluindo o na aprendizagem dos conteúdos ministrados, respeitando as várias competências envolvidas dentro deste processo atual da aprendizagem dos alunos. O que se observa é que este processo não caminha só. E por isto não há motivo para o professor se sentir sozinho, forçado a sofrer as conseqüências, como se ele fosse o único

culpado. Uma das competências que está bem próxima do professor é o coordenador do Ciclo Básico de Alfabetização, CBA, e são várias as atribuições dele, as quais se fossem efetivamente exercidas, as professoras estariam se sentindo menos sozinha no processo avaliativo de seu trabalho no cotidiano.

“(...) elaborar planejamento de alternativas de recuperação dos alunos que, eventualmente, apresentarem dificuldades. Cabe ao coordenador auxiliar os professores a programarem formas de reforço para os alunos que demonstrarem dificuldades. As atividades de reforço serão realizadas em horários que não inviabilizem a presença dos alunos nas aulas regulares.” (Série Subsídios, p. 27).

A avaliação da aprendizagem no processo contínuo deve ser encarado com objetivos e compromisso envolvendo todo o sistema escolar, comunidade e alunos. Só haverá mudança quando houver um verdadeiro compromisso em relação à avaliação da aprendizagem no processo contínuo.

*“Entendo o que o ato de avaliar é,
constitutivamente amoroso [...] Podemos entender a avaliação escolar
como um ato amoroso, na medida em
que a avaliação tem por objetivo
diagnosticar e incluir o educando, pelos
mais variados meios, no curso da
aprendizagem satisfatória, que integre
todas as suas experiências de vida [...] Avaliar um aluno com dificuldades é
criar base do modo de como inclui-lo
dentro do círculo da aprendizagem; o
diagnóstico permite a decisão de
direcionar ou redirecionar aquilo ou
aquele que está precisando de ajuda.”*
(Luckesi, p. 168-169).

Bibliografia

Ciclo Básico de Aprendizagem. Avaliação da Aprendizagem Escolar.
Possibilidades e Limites. Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá,
1998.

Ciclo Básico de Aprendizagem, Construindo Uma Prática. Série Subsídios 3.
Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá, 1998.

DEMO, Pedro. Avaliação Sob o Olhar Propedêutico. 2ª edição. Editora
Papirus. Campinas, São Paulo, 1996.

FERREIRO, Emilia. Com Todas as Letras. 7ª edição. Editora Cortez. São Paulo,
1999.

LUCKESI, C. Cipriano. Avaliação da Aprendizagem Escolar. 9ª edição.
Editora Cortez. São paulo, 1999.

PARÂMETROS, Curriculares Nacionais. Ministério da Educação e do
Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

Proposta Reorganizada do Ensino Fundamental. Implantação do Ciclo Básico De Alfabetização. Série Subsídios 1. Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá, 1997.

TOLCHINSKY, Liliana. TEBEROSKY, Ana. Além da Alfabetização. Editora Ática, São Paulo, 1997.

VEIGA, Ilma Passos de Alencar. (coord.) Repensando a Didática. 10ª edição. Campinas, SP. Editora Papirus, 1995. Vários autores.

ANEXOS

ANEXOS

Professor 01 – Escola São José

1- Qual a diferença da avaliação da aprendizagem anterior à esta que está sendo desenvolvida de acordo com os Parâmetros Curriculares? Qual é a melhor?

Eu, no meu modo de entender, as duas são ótimas. Porque antes você fazia avaliação por escrito com o aluno mensal, além de você trabalhar todo dia né, aqui, você fazia aquela avaliação por escrito mensal. E agora não. Que nem no caso do CBA a gente trabalha assim, não tem aquela avaliação por exemplo, você não faz aquela prova..., prova escrita. Você avalia, eles diariamente através de fichas né! E então, naquela época dava resultado, também agora tá dando resultado. Porque você... faz com que o aluno aprende avaliando ele todo dia. Se você viu que ele não aprendeu hoje, amanhã você vai pra frente. E eu acho que foi até melhor porque antes você ia observar isso lá no final do semestre e agora você já observa diariamente.

2- Quais os mecanismos usados no ensino e aprendizagem dentro do CBA? Tem sido os mesmos da proposta anterior?

Tem... eu acho que tem sido. E agora a gente usa os mesmos mecanismos, por exemplo, assim no caso da leitura, mesmo né...! você trabalha o sistema silábico você continuava trabalhando o sistema silábico, que nem agora em... é... na 2ª série trabalha produção de texto. Né! Você trabalha... usa os mesmos mecanismos, só que na hora de avaliar você não

avalia através de notas. Entendeu? Cê não... cê não dá um 7 pro aluno. Você já avalia ele através de ficha então... invés de você colocar o nº 7 lá como nota, você coloca que o aluno tem uma ótima leitura, interpreta texto, tem dificuldade de interpretá texto, tem dificuldade de escrever é... algumas... dificuldades ortográficas. Então é isso aí...

3- Tem havido coerência e coesão na avaliação da aprendizagem?

Tá. Tá, porque aí, na hora que você observa que o aluno não aprendeu, você não vai pra frente. Eu... já teria que ter passado para subtração. Só que eu tenho aluno que não aprendeu adição. Então... tá me segurando lá na adição. E antigamente não, antigamente você ia embora né? Aquele que não aprendeu ele fica lá, ele ia sempre arrastando, agora cê tenta levar a turma junto.

4- Dentro dessa avaliação da aprendizagem, a escola e os professores estão se auto avaliando? Será que a escola e os professores sentem isso?

Sim. Porque aí a gente... Ah! Porque o aluno não aprendeu né? Será que é ne mim? Eu vou me avaliar.

5- De acordo com a nova proposta curricular, como o aluno tem sido avaliado? Será que ele tem sido avaliado? Será que ele tem sido ou não o centro de todas as atividades escolares?

Tudo em torno do aluno... Eu acho que é tudo em torno do aluno né? Porque... há aprendizagem do aluno né...

6- Como tem sido o processo de avaliação da aprendizagem e qual o seu ponto de vista?

Eu gosto desse tipo de avaliação mesmo... ante, dá... ante dá gente passá pra essa turma do CBA é... Eu já trabalhava assim... Com esse processo sabe? Por exemplo assim, uma semana antes da prova eu já ia fazer a revisão e através daquela revisão já começava avaliar o aluno e eu já ficava sabendo mais ou menos aquele que sabia, aquele que não sabia, né? E... e esse processo é bom que ele é diariamente todo... todo dia você... consegue vê ele.

7- Você acha que essa avaliação deve ser qualitativa ou quantitativa?

Qualitativa. A qualitativa né?

8- O melhor caminho é avaliar o aluno como um todo? Porquê?

É porque... geralmente o aluno não aprende aqui na sala de aula porque ele tem um problema na família, tem um problema de saúde né?... por exemplo, a visão do aluno, né? Se o aluno não copia em cima da linha... se não tem que vê se ele não tem problema de visão, né? Porque...

9- E essa avaliação diária consegue abranger os pormenores do ensino da aprendizagem?

Consegue. Porque aí você não vai... você não vai pra frente... você pára ali, você tem uma turma de 25 alunos na sala de aula, cinco não aprendeu, esses cinco vai segurar você ali. Eu acho que sim.

10- O acompanhamento do aluno dentro do processo impulsiona o aluno para a efetivação da aprendizagem? Ele vai sentir forçado a aprender diante desse acompanhamento?

Eu acho que sim, porque aí você faz... É... apesar de você tá em cima dele todo dia, você há tá forçando ele, ele não aprendeu cê vai lá na carteira dele... Ah! Você tem que aprender isso e isso... Aí quando você vê que é falta de interesse você há chama o pai e a mãe porque... que nem no caso do CBA você não segura o aluno. Eu não vou segurar essa turma aqui esse ano. Então... eles vão ter que ir pra 3ª série de qualquer jeito. Então você... vai fazer tudo pra aquele aluno acompanhar a turma, pra ele, é igual a turma, porque antes era bom que você segurava por exemplo, o aluno não tinha condições de passar, cê segurava ele, hoje você não pode fazer isso mais. Então... aquele aluno vai ter que acompanhar. Então se o aluno não tá acompanhando na sala, a gente vai tê que vê o qual é o problema dele, se é problema na família, se é saúde, se é falta de interesse, a gente vai chamar os pais, conversar com os pais. Porque ele vai de um jeito ou de outro ir.

Aqui eu tenho alunos na 2ª série só que veio de outra professora. Eles não lê nada, então o que que eu vou fazer com esse aluno, eu não vou poder segurar ele aqui. E que que

eu vou fazer? Milagre? Não tem... Então, você traz esse aluno de manhã, pra conversar com esse pai, com essa mãe pra vê se esse aluno aprende a Le. De repente ele não tá conseguindo. Aí esses dias eu assisti no jornal que com esse negócio de CBA, o aluno lá na 3ª série, 4ª na 5ª série sem sabê lê. E esse é o que vai acontecer com esses alunos, que não sabe lê...

Esse processo ele não... ele não vai pra frente. E ali lá na 3ª série as professoras vai pegá, continuar sem saber. E o que que vai virá isso aí?

Eu acho que tem que tê um negócio pra esse aluno não ir pra frente, um teste, alguma coisa pra segurar esse aluno, porque como é que manda esse aluno pra 3ª série se ele nem sabe lê?

Professora 02 – Escola Mário Spinelli

- 1- Qual a diferença da avaliação da aprendizagem anterior à esta que está sendo desenvolvida de acordo com os Parâmetros Curriculares? Qual é a melhor?

Bem essa avaliação da passada é mais difícil, o aluno tinha que mais era decorar, tinha que corrigir prova, assim tudo era nota, nota o aluno quase nem importava.

- 2- Quais os mecanismos usados no ensino e aprendizagem dentro do CBA? Tem sido os mesmos da proposta anterior?

E agora não, ele tem mais liberdade de falar, de estudar em grupo com outros colegas, ele tem mais liberdade.

Material da atualidade do aluno, conhecimento dele, materiais de sucata tudo dentro do CBA. Tem essas coisas.

- 3- Tem havido coerência e coesão na avaliação da aprendizagem?

Não sei.

4- Dentro dessa avaliação da aprendizagem, a escola e os professores estão se auto avaliando? Será que a escola e os professores sentem isso?

É sim.

5- De acordo com a nova proposta curricular, como o aluno tem sido avaliado? Será que ele tem sido avaliado? Será que ele tem sido ou não o centro de todas as atividades escolares?

Não houve resposta

6- Como tem sido o processo de avaliação da aprendizagem e qual o seu ponto de vista?

Ficha, desenvolvimento dele, a aprendizagem que ele aprendeu. Do meu ponto de vista eu acho bom. Tem muitas melhorias.

7- Você acha que essa avaliação deve ser qualitativa ou quantitativa?

Já está tudo respondido nas perguntas anteriores.

8- O melhor caminho é avaliar o aluno como um todo? Porquê?

Já está tudo respondido nas perguntas anteriores.

9- E essa avaliação diária consegue abranger os pormenores do ensino da aprendizagem?

Já está estudo respondido nas perguntas anteriores.

10- O acompanhamento do aluno dentro do processo impulsiona o aluno para a efetivação da aprendizagem? Ele vai sentir forçado a aprender diante desse acompanhamento?

Já está estudo respondido nas perguntas anteriores.

1- Qual a diferença da avaliação da aprendizagem anterior à esta que está sendo desenvolvida de acordo com os Parâmetros Curriculares? Qual é a melhor?

Antes era com prova né! Agora é exames, testes, antes ficava só medindo os alunos né, classificando e hoje, diagnosticando o que ele aprendeu, o que ele deixou de aprender.

2- Quais os mecanismos usados no ensino e aprendizagem dentro do CBA? Tem sido os mesmos da proposta anterior?

Tirou a interrupção de um ano para o outro, o aluno não reprova da 1ª para a 2ª, continua mesmo...

3- Quais os mecanismos usados no ensino e aprendizagem dentro do CBA? Tem sido os mesmos da proposta anterior?

Aqueles alunos que têm problema... eles não... do CBA passa para a 3ª série sem condições, porque não pode reprovar. O ano passado no final do ano, veio um documento para nós, que se a gente retesse um aluno, no CBAC e não passasse ele para a 3ª série, o professor poderia até responder um processo jurídico né?

4- Dentro dessa avaliação da aprendizagem, a escola e os professores estão se auto avaliando? Será que a escola e os professores sentem isso?

Eles não estão muito preocupados não. Só o professor que sente a preocupação. A equipe pedagógica querem é que os alunos passem de uma série para outra.

5- De acordo com a nova proposta curricular, como o aluno tem sido avaliado? Será que ele tem sido avaliado? Será que ele tem sido ou não o centro de todas as atividades escolares?

Sem o aluno a escola não funciona. Valorizar o que o aluno já sabe e a escola dará continuidade daquilo que o aluno já sabe.

6- Como tem sido o processo de avaliação da aprendizagem e qual o seu ponto de vista?

Mas o aluno que não tem problema na aprendizagem ele aprende mesmo, é bem melhor.

7- Você acha que essa avaliação deve ser qualitativa ou quantitativa?

Sim eu achei que não estava certo passar o aluno sem saber.

8- O melhor caminho é avaliar o aluno como um todo? Porquê?

Valorizar o que o aluno já sabe e a escola dará continuidade daquilo que o aluno já sabe.

9- E essa avaliação diária consegue abranger os pormenores do ensino da aprendizagem?

Avaliar o aluno de acordo com a proposta, com uma sala de 40 alunos é quase impossível. Se avaliar de acordo com a proposta. Então fica muitas coisas que passam despercebidas.

10- O acompanhamento do aluno dentro do processo impulsiona o aluno para a efetivação da aprendizagem? Ele vai sentir forçado a aprender diante desse acompanhamento?

O professor também não faz milagre. O professor não faz milagre não. Né?

AVALIAÇÃO: PROCESSO CONTÍNUO E COMPARTILHADO

